

IMAGENS E REFLEXÕES DA VELHICE

Fabiana Bruno ¹

Para as sociedades contemporâneas, "envelhecer" representará, ainda, um complexo desafio... "pensar" a velhice, também. O envelhecimento se vive hoje sob o signo de um paradoxo. De um lado, pretende-se ampliar as fronteiras da longevidade, sem claramente saber o que se fará dela; de outro, a sociedade impõe aos seres humanos ritmos biológicos e tecnológicos cada vez mais alucinantes, de tal modo que eles não se dão mais conta do fluxo temporal que, inexoravelmente, no entanto, os leva.

A fotografia contemporânea oferece, pensamos, algumas interessantes abordagens sobre a questão do envelhecimento. Rompendo com um passado recente, quando a tendência era a de esconder a imagem do corpo velho, valorizando unilateralmente os corpos esteticamente perfeitos, vários fotógrafos (re)descobrem, nas dobras, nas rugas e nas fadigas de corpos envelhecidos, tanto as marcas inconfundíveis da passagem do tempo como os índices e os signos de uma aventura humana boa para ser pensada. No presente ensaio, apresentaremos alguns trabalhos de três autores-fotógrafos: O inglês John Coplans, o francês Yves Trémorin e a belga radicada no Brasil, Lily Sverner.

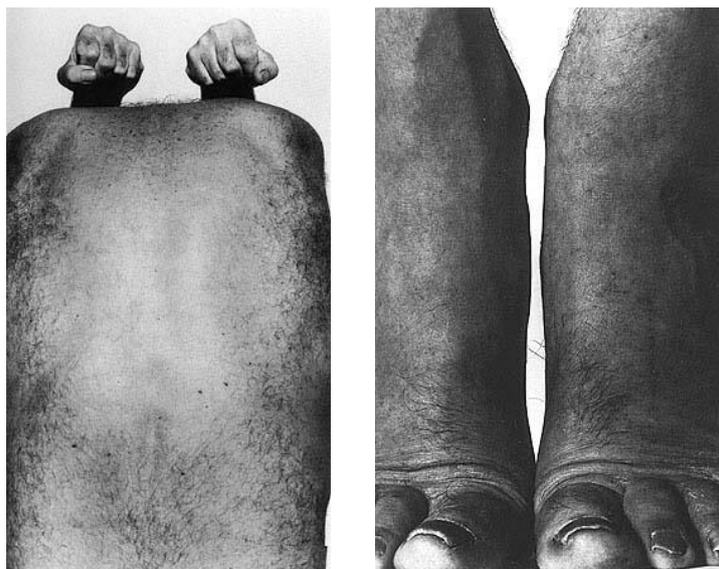
Debruçando-nos sobre o "discurso" desses fotógrafos, observamos que, por meio de um outro suporte comunicacional que não a escrita, outras visões e representações da velhice podem ser entendidas numa perspectiva visual.

John Coplans, pintor, nascido em Londres em 1920, quebra certos padrões ao trabalhar na produção de auto-retratos. Corpo nu e acéfalo, a velhice por Coplans é mostrada em fotografias de grandes dimensões em preto-e-branco. A proposta do autor-fotógrafo é questionar a idéia cultural de que o velho

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Multimeios IA/Unicamp

é feio. Para tanto, exhibe uma realidade corporal feita de marcas, de cicatrizes, de pêlos e de rugas, capaz efetivamente de provocar.

Na fotografia 1, em que Coplans aparece de costas, a sensação que temos é de ver uma "grande parede", uma espécie de "bloco de granito", que nos leva a pensar na idéia de firmeza e robustez, ainda mais realçada pelas mãos cerradas.



Na foto 2, *Feet Frontal* (1984), reencontramos a idéia de fortaleza. A fotografia dos pés em *close* é registrada sob um ângulo que valoriza a verticalidade e flexibilidade, novamente reforçando a sensação de firmeza e de solidez. Pés levemente flexionados nos remetem à expressão de um gigante, com unhas e dedos, cujas formas nos lembram a grandeza e a andança marcial de um "elefante", contrapondo-se à fragilidade e falta de vitalidade atribuídas ao velho.

A foto dos pés de Coplans - uma das mais divulgadas de seu trabalho sobre o corpo - é tema para discussão do corpo acéfalo, do ponto de vista de vários autores, inclusive Annateresa Fabris². Para a autora, Coplans utiliza-se da estratégia iconográfica promovendo "uma leitura da negação da legitimidade social conferida ao corpo".

² Fabris, Annateresa - "O corpo acéfalo como auto-retrato: John Coplans", in *Corpo e Cultura*, Bernadette Lyra e Wilton Garcia (orgs.), São Paulo, Xamã, ECA-USP, 2001.

Nas fotografias de Coplans encontramos, também, uma leitura possível, embora não única, da relação entre sexualidade e velhice.

Na fotografia 3, *Legs & Hands, thumbs together* (1985), Coplans sintetiza no seu corpo os dois sexos, ao mesmo tempo em que evidencia a idéia de uma velhice não ausente de sexualidade. Braços e pernas juntam-se, encontram-se flexionados, traçam um paralelo em torno da ubiqüidade e da ambigüidade do sexo, conferindo à fotografia uma forte dimensão erótica.



Na fotografia 4, deparamos com outra possível leitura sobre a sexualidade humana, situada, desta vez, na perspectiva de um corpo irreal, pois duplamente amputado. A fotografia nos induz a olhar para cima e para baixo, à procura de melhor identificação. Coplans, todavia, nos enclausura na massa informe de um tronco, propositadamente recortado e mutilado, sem cabeça e sem sexo.

Estas fotografias de Coplans caminham em direção oposta à degeneração do corpo envelhecido. Ao invés de maquiar as marcas que a velhice deu ao corpo, culturalmente rotulado como "feio", apresenta-as de maneira segura, reconfigurando-as.

Poderíamos dizer que a proposta do trabalho fotográfico contemporâneo de Coplans traz dignidade para o corpo em processo de envelhecimento, colocando em xeque a questão de uma identidade única para o corpo humano, vinculado ao belo e ao perfeito. A valorização das rugas, dos pêlos, das

cicatrizes, está ligada a uma proposta de memória do corpo. A produção de Coplans reflete um espaço novo para um pensamento mais maduro sobre o corpo humano, um corpo que transita, um corpo que está apenas de passagem.

Na mesma direção, o matemático e fotógrafo francês **Yves Trémorin**, nascido em Rennes em 1959, dedicou passagens de seus trabalhos à evocação do corpo feminino, velho e nu, a partir de fotografias produzidas de sua própria mãe. Tomado pelo cuidado, Trémorin produz, em grandes planos de sua objetiva, a série "*De cette femme (1985-1986)*", promovendo uma evidente homenagem a sua mãe, Hélène Trémorin. Na produção do autor-fotógrafo a afetividade se revela fortemente, num exercício de exaltação da figura humana.

Numa das leituras possíveis da série "*De cette femme*", podemos dizer que as fotografias de Trémorin revelam a presença marcante da temática da maternidade, ao mesmo tempo em que propõem uma leitura delicada e cuidadosa sobre a idade. A qualidade estética, apesar da velhice, faz com que as imagens não deixem escapar ao observador a lembrança, que parece estar inoculada na pele de Hélène Trémorin, provocando um desencadeamento da memória afetiva, a partir do corpo.

Na fotografia 1, há a conformação do colo materno, onde os seios deslizam para baixo, enquanto a cabeça dirige-se para o alto numa espécie de nova oblação. Pelas lentes do fotógrafo, as formas captadas do corpo idoso sugerem uma associação simbólica com as da terra, num resgate, talvez, da fertilidade.



Em outra, foto 2, a imagem provoca o observador ao focar, em *close*, ventre e entrecoxas. Assemelhando-se a uma criação abstrata, a imagem é composta pelas inúmeras rugas e pêlos. A leitura final sintetiza a mensagem de algo rico em formas, velhas sim, mas possíveis apenas pela força do envelhecimento. E aqui, Trémorin, novamente, nos faz lembrar da fertilidade, da terra, de suas formas leves, brutas, volumosas e misteriosas.

Como avalia William Ewing, em *Le Corps*³, Trémorin não relaciona a velhice a algo decrépito ou depreciativo. Pelo contrário. Respeitosamente, ele explora a densidade de uma existência, expressa pelas formas e pelas marcas do tempo, numa proposta que evoca e reverencia, com singular força e dignidade, a presença do corpo feminino e da maternidade.

A fotógrafa belga **Lily Sverner**, nascida em Antuérpia em 1934, produziu em 1990 o ensaio fotográfico intitulado "*Nomes*", uma reflexão sobre velhos que vivem em uma instituição asilar em Itatiba, interior de São Paulo.

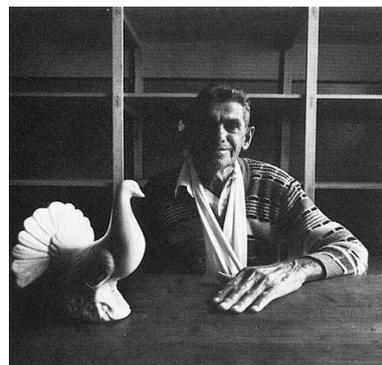
Do âmago desse trabalho, surge toda uma discussão potencial em torno do isolamento social, duplamente marcado, pela velhice e pela reclusão, em pessoas que vivem num asilo. Buscando o que resta da individualidade de velhos asilados e aceitando o desafio de desvendar o que está por trás desse

³ Ewing, William A.- *Le Corps*, Editions Assouline, 1994, p.143

isolamento social, a fotógrafa opta por uma documentação fotográfica em preto-e-branco.

Em seus retratos, Lily Sverner evidencia a relação de velhos com seu ambiente físico, seus poucos pertences e, sobretudo, com o infinito e impenetrável mistério de uma identidade que continuam expressando. Ora em meio plano, ora em plano aberto, as lentes da fotógrafa exploram a solidão, a tristeza e loucura de seus personagens. Mas as fotografias de Sverner vão muito além desse registro dramático. Quase que paradoxalmente, as imagens se tornam confidências, pequenos traços de luzes e oásis de felicidades que deixam transparecer o apego desses mesmos personagens a objetos ou pertences que lembram tanto como remetem a uma individualidade sagrada, nunca perdida, apesar desse duplo isolamento social - a velhice e a reclusão.

O destaque para objetos em fotografias, como é o caso da foto 1, é predominante. Nesta, um bibelô está em primeiro plano e um homem velho em segundo, traçando uma espécie de comunicação ou ligação da pessoa com o seu objeto.



Noutra, foto 2, o enquadramento mais aberto da câmera de Lily Sverner transfere novamente a atenção para objetos, valorizando, talvez, os poucos pertences que re stam às pessoas idosas asiladas, enquanto que o espelho reflete as condições de outros tantos velhos isolados na mesma instituição.



Outra fotografia de Sverner, foto 3, mostra uma outra mulher idosa, talvez vaidosa, repleta de enfeites pessoais como colares, anéis e laços. Fotografia que, mais uma vez, permite uma leitura centrada na busca da identidade ou, no caso, oferece a prova viva de uma identificação



reencontrada entre um sujeito e os objetos os mais preciosos de sua vida: esses pequenos nós, pequenos círculos e laços que fazem, também, a trama de toda uma existência.

Diríamos que as fotografias de Lily Sverner têm como proposta um resgate da idade ou, pelo menos, a de uma revelação dos *nomes* dos velhos asilados e de suas identidades, uma vez que o confinamento decorre de uma depreciação imposta pela estrutura social na qual vivem. Mas ponderaríamos que a verdadeira "cor" das fotografias em preto-e-branco do ensaio de Sverner emerge do semblante de seus personagens e de sua comunicação com seus objetos, relicários de memória.

Referências Bibliográficas

Enciclopédia de Artes Visuais Itaú Cultural. Disponível em:
www.itaucultural.com.br

EWING, William A. **Le Corps**. Editions Assouline, 1994.

FABRIS, Annateresa. O corpo acéfalo como auto-retrato: John Coplan. In: LYRA, Bernadette & GARCIA, Wilton (Orgs.) **Corpo e cultura**. São Paulo: Xamã, ECA-USP, 2001.

ONDINA, Fachel Leal (Org). **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.